

ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES NAS PESQUISAS DE HISTÓRIA

INTERDISCIPLINARY APPROACHES IN HISTORY RESEARCH

ENFOQUES INTERDISCIPLINARES EN LAS INVESTIGACIONES DE HISTORIA

Júnia Fior Santos¹

Resumo

Este ensaio apresenta algumas reflexões acerca das produções historiográficas contemporâneas, que a partir de seus novos desafios têm exigido uma maior discussão sobre o diálogo estabelecido entre História e os demais campos das ciências humanas e sociais. Propõe-se analisar a importância das abordagens interdisciplinares que se apresentam como arcabouço teórico-metodológico fundamentais para o conhecimento histórico, o que possibilita uma compreensão mais ampla sobre os fatos históricos que se pretende investigar, entre eles destaco a minha experiência de pesquisa com os povos indígenas. O objetivo é refletir sobre a necessidade e os avanços da produção de conhecimento nessa linha interdisciplinar. Neste sentido, procura-se explicar, brevemente, como as abordagens historiográficas dialogam com outras ciências e qual a importância dessa colaboração para uma melhor compreensão dos fenômenos histórico-sociais.

Palavras-chave: Historiografia; desafios; diálogo.

Abstract

This essay presents some reflection about contemporary historiographical productions, that since its new challenges has demanded a bigger discussion about the dialogue establish between History and other social and human science fields. It is proposed to analysis the importance of interdisciplinary approaches which are presented as fundamentals theoretical-methodological contribution to historic knowledge, what enables a larger comprehension about the historic facts that is intended to investigate; I highlight my research experience with indigenous people. The aim is to reflect about the necessity and the progress of knowledge production in this interdisciplinary approach. In this sense, it is tried to explain, briefly, how the historiographical approaches dialogue to other sciences and the importance of this contribution to a better comprehension of historic-social phenomenon.

Keywords: Historiographical; challenges; dialogue.

Resumen

Este ensayo presenta algunas reflexiones acerca de las producciones historiográficas contemporâneas, que a partir de sus nuevos desafios han exigido una mayor discusión sobre el

¹ Possui graduação em Ciências Sociais e especialização em Antropologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Graduada em História pela Universidade Federal da Grande Dourados. Atualmente, cursa o mestrado em História na Universidade Federal da Grande Dourados.

diálogo establecido entre Historia y los demás campos de las ciencias humanas y sociales. Se propone analizar la importancia de los enfoques interdisciplinarios que se presentan como marco teórico-metodológico fundamentales para el conocimiento histórico, lo que posibilita una comprensión más amplia sobre los hechos históricos que se pretende investigar, entre ellos destaco mi experiencia de investigación con los pueblos indios. El objetivo es reflexionar sobre la necesidad y los avances de la producción de conocimiento en esta línea interdisciplinaria. En este sentido, se procura explicar, brevemente, cómo los enfoques historiográficos dialogan con otras ciencias y cuál es la importancia de esa colaboración para una mejor comprensión de los fenómenos histórico-sociales.

Palabras clave: Historiografía; desafíos; el diálogo.

Introdução

Os historiadores, antropólogos, sociólogos, geógrafos, entre outras áreas do conhecimento, nem sempre foram bons vizinhos intelectuais, embora trabalhem com questões pertinentes ao mesmo objeto de estudo, o ser humano. Foi a partir de muita resistência que a história passou a reconhecer a necessidade de um contato mais direto com as disciplinas vizinhas, abrindo espaço para novas questões teórico-metodológicas. Antes dessa abertura interdisciplinar, a história utilizava um conjunto de técnicas tradicionais para examinar a credibilidade dos documentos que forneciam vestígios do passado, porém esses procedimentos não respondiam, ou não davam conta da singularidade dos indivíduos e dos fatos analisados.

Por muito tempo, a reivindicação pela legitimidade do campo impôs limitações, saberes separados, fragmentados, esmigalhados e compartimentados entre disciplinas, que se apresentaram frente a estudos de contextos e problemas em escala multidimensional e global, que só poderiam ser bem analisados por meio de uma visão que considerasse sua multidimensionalidade. Isolar os objetos sem reconhecer suas correlações compromete a interpretação e o domínio do passado.

Foi no século XX, com a emergência de novas discussões, que os historiadores começaram a estabelecer diálogos interdisciplinares, convergindo de maneira mais incisiva com outras disciplinas, se apropriando dos conceitos e métodos para representar o passado.

A partir de 1970, essas mudanças se tornaram significativas e indispensáveis para conhecer o passado e as dinâmicas culturais, diversos campos da pesquisa histórica deixaram de priorizar as fontes seriais e técnicas de quantificação, havendo uma crescente valorização da oralidade, que até então era criticada pela subjetividade que poderia apresentar. A história cultural recebeu um novo impulso, o método qualitativo e as histórias individuais ganharam notoriedade. Garrido (1992-93, p. 63) esclarece que a

utilização de novas metodologias e novas fontes, como, por exemplo, a fonte oral, permitiram ao historiador agregar à sua pesquisa a percepção de “atos e situações que a racionalidade de um momento histórico concreto impede que apareçam nos documentos escritos”. Essa inovação exigiu uma aproximação crítica do pesquisador com relação às concepções positivistas da História. Foi nessa conjuntura, com o surgimento de novas discussões, que os historiadores passaram a reconhecer a necessidade de estabelecer diálogos interdisciplinares, se apropriando não só dos métodos empíricos, como, também, do conhecimento teórico fornecido pelas ciências humanas e sociais.

Fundamentação teórica

É perceptível que as correntes de pensamento que influenciam as pesquisas historiográficas têm-se formulado e reformulado no decorrer do tempo. Essas mudanças são suscitadas a partir das necessidades de cada época que, por sua vez, elenca novos temas que demonstram as inquietações dos homens no seu tempo. Este sujeito histórico anseia saber sobre o futuro através do passado nele projetado. Desse modo, o estudo do passado exige modificações para melhor representar as realidades, procurando torná-lo familiar. É possível serem apresentados elementos que nos proporcionem uma apreensão dos fatos, podendo assim representá-los para expandir a “nossa experiência, fazendo, com que possamos aumentar nossas habilidades, nossa energia e se tudo for bem, nossa sabedoria” (GADDIS, 2003, p. 26).

Promover conhecimento histórico é partir de um contexto, tendo o tempo como elemento norteador, desenvolvendo uma investigação através de diferentes fontes, utilizando-se de dispositivos teóricos e metodológicos que propiciem a compreensão sobre os processos históricos. Para isso é necessário que o pesquisador não se perca na infinidade do passado, tendo que definir um recorte temporal, pois nenhuma produção historiográfica consegue abarcar e recuperar a universalidade dos acontecimentos passados. Nesse processo é preciso também considerar a dialética entre a longa e a curta duração, relação essa que se faz possível a partir da análise das “realidades concretas” para perceber os contornos e ritmos de uma determinada sociedade, em sua dialética temporal própria.

Entre as rupturas e permanências a se destacar na corrente historiográfica contemporânea, cabe destacar a proposta de um estudo interdisciplinar com a sociologia, filosofia, antropologia, geografia, psicologia, entre outras áreas do conhecimento que fornecem subsídios para o estudo de um complexo social

inteiramente subjetivo. Tal perspectiva proposta pelo movimento historiográfico da Escola dos Annales,² busca evidenciar os fatos coletivos sob o prisma de uma história problema, que ganha auxílio de ferramentas teóricas e metodológicas de outras ciências.

Nesse contexto, o aspecto interdisciplinar só foi possível a partir de mudanças no modo de pensar e lidar com o tempo histórico, que até então permanecia sob o viés da história tradicional. Tal mudança possibilitou novos horizontes, a abertura de novas abordagens teórico-metodológicas, desenvolvendo-se novas questões que em outro contexto poderiam ser ignoradas. Portanto, essa “Nova História” só foi possível a partir de uma transformação que, por sua vez, reorientou a concepção do homem no tempo. Logo, o indivíduo e suas ações só são passíveis de análise dentro da totalidade que lhes concede sentido. Para se aproximar dessa totalidade, exige-se algumas quebras de paradigmas e fronteiras, para então adentrar a esse universo. Sobre isso, vale a pena recordar as considerações de Fernand Braudel, “[...] as ciências sociais se impõem umas às outras, cada uma tende a compreender o social no seu todo, na sua totalidade, cada uma invade o domínio de suas vizinhas crendo permanecer em casa” (BRAUDEL, 1969, p. 42). Esse diálogo possibilitou muitas modificações nos conceitos operacionais que norteiam a pesquisa, ampliando não só possibilidades como também os desafios.

A nova história favoreceu a abrangência de novos temas que suscitaram novas necessidades metodológicas para esclarecer processos temporais, colaborando também para abertura do uso de novas fontes. A estrutura interdisciplinar se fortificou, havendo uma relação cada vez mais próxima entre historiadores e geógrafos, antropólogos, sociólogos, críticos literários, entre outros. Esses historiadores em contrassenso com as perspectivas tradicionais, que pressupunha a objetividade do conhecimento, passaram a questionar tal concepção abrindo espaço para a subjetividade que é inerente ao saber histórico.

Como se sabe, a operação historiográfica apresenta-se como uma interpretação sistemática empreendida pelo pesquisador, utilizando-se de suporte teórico-metodológico concedido pelo ambiente e suas relações. “Escrever história é a tarefa dos historiadores. Isso é trivial. Como fazê-lo, é um outro problema” (RÜSEN, 2007, p. 17). Esse problema tem sido tema de reflexões acerca da coleta, da investigação, da reunião de informações, do tratamento com as fontes. É necessário ter sempre presente que nós, como pesquisadores, de modo geral, temos uma participação ativa no procedimento de

² O movimento da Escola dos Annales teve como uma de suas propostas a superação de limites até então impostos pela corrente positivista, que prezava pela objetividade absoluta no domínio da história. (BURKE, 1997).

investigação. Pois somos nós que engendramos as fontes, levamos os documentos a falarem, responderem ao nosso emaranhado conjunto de questões.

Nesse sentido, o historiador Marc Bloch, pondera que nenhum pesquisador se satisfaria apenas em especificar quando ocorreu um determinado fato, ou quanto tempo perdurou, mas tenciona a compreensão dos conectores que oferecem maiores vestígios do passado, para a então compreensão das causas e efeitos referente ao contexto analisado. Nas palavras do autor, “[...] essa história ampla, profunda, longa, aberta e comparativa não pode ser realizada por um historiador isolado. Isolado, nenhum especialista nunca compreenderá nada senão pela metade, mesmo em seu próprio campo de estudos” (BLOCH, 2001, p. 26). Assim, a história requer um diálogo com as demais ciências do homem que ofereçam contribuições para melhor conhecer as esferas da atividade humana, considerando que nenhum campo da vida social pode ser compreendido se isolado dos outros.

Bloch segue afirmando que o objetivo da história é estudar o “homem no tempo”, em suas relações sociais que se constituíram por meio de fatos, problematizações, desequilíbrios em seus diversos contextos. Todos os vestígios desse ser complexo devem ser analisados, para isso o historiador não deve privilegiar apenas um tipo de método ou fonte, como assim fez a história tradicional, que privilegiou o trabalho com documentos escritos, que em muitos casos não davam conta de responder as contradições dos fenômenos históricos. Porém, a necessidade de ampliar as observações históricas, estudando os sujeitos no seu tempo, em suas perspectivas, implicou um novo olhar para as metodologias e ferramentas até então determinantes.

Sabe-se que o tempo é característica substancial da história, e situar esse tempo levando em consideração as temporalidades, não se apegando apenas ao passado, segundo conceito genérico e limitado, é necessário para a compreensão das mudanças, o que pode incluir o presente como objeto.

A partir do século XX, com a ascensão da história social, novas metodologias de observação foram sendo introduzidas no interior das técnicas de seu ofício, e, para isso, foi necessário utilizar alguns métodos, considerados auxiliares, nesse seguimento, o próprio “Marc Bloch aprendeu o método comparativo com Durkheim” (BURKE, 1991, p. 30). Outros historiadores também utilizaram métodos de suas disciplinas vizinhas para compreender a história das relações sociais. Nesse contexto, a antropologia também apresentou muitas contribuições com relação a etnografia, que foi constituída como uma importante metodologia para estudar as sociedades na perspectiva cultural.

A Escola dos Annales foi porta-voz do novo processo histórico interdisciplinar, o que suscitou um novo olhar sobre as questões metodológicas e temporais. Estudar as novas abordagens históricas levou a repensar os desafios propostos pelo campo.

É a partir da amplitude das pesquisas sobre as mentalidades, a partir de novas propostas de como fazer história que a História Cultural ganha espaço, suscitando novas e diferentes questões sobre o passado, lidando com objetos e técnicas diversificadas, procurando estudar as culturas por meio das representações e práticas que permeiam diferentes tempos e espaços. A história cultural se tornou mais evidente no final do século XX, combinando abordagens interdisciplinares para a investigação das práticas, das representações e dos símbolos culturais. Sandra Pesavento esclarece que trabalhar com cultura “trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2005, p. 15). A autora segue afirmando que o complexo cultural é a representação de contextos repletos de significados e valores, assim a história cultural se configura por seus procedimentos e sua organização trabalhosa, que requer um diálogo mais próximo com seu objeto de estudo. Comumente, essa aproximação se realiza de forma mais dinâmica em trabalhos de campo, que possibilitam um estudo etnográfico que lida com a dimensão simbólica vivida e relatada pelos próprios indivíduos da sociedade analisada.

Uma das fontes que voltou a ser utilizada na construção da história é a fonte oral, que é tão antiga quanto a própria história, fonte essa que possibilita compreender memórias de lutas, de sofrimentos, de alegrias, de resistência. Fonte que deve ser questionada e problematizada, assim como as demais fontes históricas, sejam elas impressas, imagéticas ou de outra natureza, que no geral requerem análises cuidadosas para se aproximar de um universo humano multidimensional. Nesse sentido, “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 1980, p. 79). Todas as esferas da atividade humana precisam ser observadas, isso inclui as estruturas que envolvem o tempo e o espaço dos sujeitos. Assim, a utilização de novos métodos se fazem substanciais na medida em que as questões históricas são cada vez mais polidisciplinares.

O envolvimento com o passado requer uma relação dialógica no que se refere às temporalidades e também aos instrumentos teóricos e metodológicos de suas ciências vizinhas, que, da mesma forma, tem por objetivo constituir um conhecimento, produzir uma tradução e uma reconstrução, a partir de sistemas simbólicos sob forma de representações. O exercício de novas estratégias de pesquisa permite aos historiadores

explorar novos campos e temas, possibilita a abertura às narrativas contadas pelos próprios sujeitos históricos, que antes tinham seus conhecimentos desprezados pela história oficial, o que viabiliza a recuperação de memórias locais, nacionais, étnicas, entre outras, e torna possível recuperar informações sobre processos repletos de subjetividades. Nesse sentido, Le Goff (2003, p. 2) afirma que os fatos históricos agregam em seu bojo de fatores simbólicos representações de sujeitos dinâmicos, que só podem ser compreendidos a partir de uma observação histórica comprometida com a realidade e suas nuances.

Para compreender as complexidades das conjunturas que permeiam as sociedades humanas, é impreterível analisar a totalidade dessa estrutura, considerando que estas mudam e essa mudança também é estruturada. Assim, a história necessita do constante diálogo com outros campos do conhecimento.

Não é preciso ir muito além para demonstrar o enorme e inextricável rol de influências mútuas que as disciplinas das ciências humanas e sociais exercem entre si. Basta observar o grau de importância que tiveram para a história da historiografia os intelectuais de outras disciplinas, como, por exemplo, Lévi-Strauss, Max Weber, Karl Marx, entre outros intelectuais que contribuíram para um diálogo profícuo a respeito das organizações sociais em diversos tempos e espaços. Nesse seguimento, Roger Chartier, citando o sociólogo Norbert Elias, esclarece que “a sociologia não consiste, ou não consiste apenas, no estudo das sociedades contemporâneas, antes devendo dar conta das evoluções de longa, e mesmo muito longa duração, que permitem compreender as realidades do presente” (CHARTIER, 1990, p. 91). Embora sejam disciplinas logicamente autônomas, a sociologia pode oferecer novos conceitos, novas questões teórico-metodológicas que possibilitam outras análises e, por sua vez, novos interesses pela representação conceitual de “realidade” para cada sociedade, em uma perspectiva de longa e curta duração. Do mesmo modo, a história oferece subsídios para a compreensão dos fatos históricos, que, por sua vez, são fundamentais para a compreensão das organizações das sociedades humanas e suas interações. Do mesmo modo, as demais ciências humanas e sociais contribuem ativamente para pesquisas acerca das diferentes sociedades e toda a gama de comportamentos humanos.

A historiografia acha-se cercada de um universo de informações exploradas por inúmeras redes, onde cada pesquisador encontra a sua conexão com uma especialidade e abordagem historiográfica, como a História Social, História Serial, História Política, História Econômica e muitas outras.

O historiador Rüsen chama atenção para a necessidade de se refletir sobre a função do trabalho historiográfico que influencia o tempo presente, por isso, “refletir sobre o uso prático do saber histórico é um requisito básico da ciência da história” (RÜSEN, 2007, p. 15). A operação historiográfica apresenta-se como uma interpretação sistemática empreendida pelo pesquisador, utilizando-se de suporte teórico-metodológico concedido pelo ambiente e suas relações. Relações essas que devem ser estudadas a partir da subjetividade de suas representações, considerando o modo como foi construída, pensada e dada a ler.

Dumoulin, lembrando os apontamentos do historiador e sociólogo Marc Lazar, esclarece que “participar do desencantamento do mundo, mostrar as cartas, revelar as mistificações e enganações é parte integrante da missão do historiador” (DUMOULIN, 2017, p. 40). Nesse sentido, os historiadores são conduzidos a desmistificar as complexas conjunturas que rodeiam o universo humano, se atentando não só para as intersubjetividades presentes na relação com seu objeto pesquisado, mas também para suas próprias subjetividades, que o conduzem neste ofício.

Já Hartog (2017) questiona a falta de preocupação dos historiadores em relação à sua “tarefa” em um mundo presentista, que se absorve inteiramente apenas no presente, na tentativa de se distanciar das catástrofes do futuro. Esse receio com relação ao futuro não é uma particularidade da História, outras áreas do conhecimento também se deparam com questões que orientam/desorientam a compreensão das mudanças que influenciam o futuro.

Desse modo, ao estudar uma história cultural contemporânea, primeiro há que se compreender o mundo real, a nós apresentado, como um mundo simbólico, constituído pela experiência humana e compartilhado por sujeitos complexos. Apropriar-se do tempo presente como objeto de estudo é debruçar-se sobre relações complexas e interdependentes concebidas por estruturas sociais presentes e passadas.

A oportunidade de se estudar história indígena está diretamente relacionada com um contexto histórico mais recente, e não apenas com o desenvolvimento das reflexões no campo da história. A perspectiva que considera as minorias excluídas através de políticas “inovadoras” possibilita também a abrangência e emergência de discussões sobre esses grupos. O desenvolvimento das técnicas de pesquisa, o amadurecimento das concepções teóricas e as problematizações acerca do ofício do historiador suscitaram novas questões em relação à história contada pelas “minorias”. Com o crescente interesse pela história nacional e regional, uma parte dessas minorias, como, por exemplo, os povos indígenas, passaram a ser mais estudadas no Brasil, especialmente a

partir de 1990, recebendo significativas contribuições de pesquisas acadêmicas. Mesmo assim, ainda há muito a ser pesquisado sobre a história dessas populações.

Nesse sentido, ao estudar o processo de mobilizações de uma comunidade de povos Guarani e Kaiowa de Mato Grosso do Sul, tenho como objetivo entendê-los como sujeitos históricos que desenvolvem dinâmicas de enfrentamento e resistência frente à consolidação do processo de espoliação de seus territórios. Como afirmado por muitos historiadores, inclusive os mencionados anteriormente, tal pesquisa só é possível de ser estruturada se houver uma interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. Esse complexo espaço de temporalidades plurais nos levam a diversos caminhos metodológicos, o que é impossível de ser percorrido apenas com o apoio de uma única estrutura disciplinar.

Os pressupostos teóricos tanto da história como também de outras disciplinas, como antropologia, etnologia, geografia, sociologia, entre outras, com as quais tem sido estabelecido um diálogo, tem contribuído grandemente para a compreensão da dinâmica social e cultural da comunidade Kurupi da Terra Indígena Santiago Kue, localizada no município de Naviraí, Mato Grosso do Sul. Ao pesquisar o passado e o presente de uma determinada comunidade indígena, é necessária a compreensão de sua cultura, suas determinações, estruturas de parentesco, implicações socioeconômicas, enfim, é inegável a necessidade de um trabalho de cunho etno-histórico³ que postule uma sustentação teórica e metodológica interdisciplinar.

A interdisciplinaridade no estudo de questões inerentes à história indígena é muito discutida e concebida como necessária para o desenvolvimento temático. Tal fundamento teórico-metodológico colabora para uma análise hermenêutica no decorrer das leituras acerca desse tema, bem como, a compreensão das fontes a serem pesquisadas para uma possível compreensão do itinerário de sujeitos que por muito tempo foram silenciados. Nessa acepção, a história analisada com mecanismos teórico-metodológicos de campos afins se vê enriquecida em suas perspectivas, elevando as possibilidades e contribuições para a produção historiográfica.

A história contemporânea tem ampliado a interlocução com outros campos do conhecimento, e, no que diz respeito à história indígena, isso tem se intensificado, mas é claro que, apesar dos pressupostos teóricos e metodológicos comuns para se pesquisar a história indígena, podem-se notar diferenças em suas abordagens, o que marca as fronteiras de cada campo, principalmente em relação ao objetivo de sua análise. Para a

³ Nessa perspectiva a “etno-história apresenta-se como uma metodologia potencialmente favorável para a construção de uma história indígena mais holística” (CAVALCANTE, 2011, p. 363).

realização de pesquisas que priorizam a investigação dos percursos históricos de comunidades indígenas, como, por exemplo, a trajetória dos moradores de Kurupi, ou os contextos históricos nos quais eles se inserem, é imprescindível se estabelecer as devidas articulações entre eles, para uma análise mais completa e menos fragmentada acerca do contexto estudado.

A ampliação do horizonte histórico, que se afasta de práticas eurocêntricas e utiliza-se do intercâmbio com outras ciências, sem deixar que passem de auxílio a instrumento dirigente de seu trabalho, mostra ser preciso aprimorar as vias de convívio, para o enriquecimento das abordagens históricas.

Portanto, não resta dúvidas de que os trabalhos de história sobre os povos indígenas demandam abordagens teórico-metodológicas próprias, que incluem a interdisciplinaridade para que se possa encontrar elementos que possibilitem responder a algumas indagações pertinentes acerca do tema abordado.

Considerações finais

Acredito que o papel dos historiadores é pensar a história não só dos povos indígenas, mas também de outros grupos, em processos históricos mais amplos, buscando compreender como as atuações desses sujeitos podem determinar seus percursos. Repito, portanto, a importância de se estabelecer diálogos entre historiadores e pesquisadores de outros campos que articulam dados e interpretações que podem auxiliar na compreensão do contexto histórico e na valorização da própria interpretação que esses indivíduos têm sobre suas trajetórias. Assim, questionar e analisar os documentos históricos por um viés metodologicamente mais amplo são práticas substanciais para o avanço dos estudos históricos. Diante das reflexões abordadas neste ensaio, fica evidente a possibilidade de um fértil diálogo que pode ser estabelecido entre a história e demais campos do conhecimento. Contudo, sabe-se que esse diálogo não ocorre sem contradições, tampouco, sem certificar-se que as fronteiras disciplinares, outrora rígidas, são fluidas e viabilizam complexos e necessários deslocamentos. Conjectura essa que reforça a necessidade de mais discussões acerca da importância em preservar e aprimorar os diálogos interdisciplinares.

Referências

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRAUDEL, Fernand. O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II (Prefácio). In: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 13-16.

BURKE, Peter. *Sociologia e história*. Trad. Fátima Martins. Porto: Afrontamento, 1991.

_____. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia*. Trad. Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da Pesquisa. *História*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 349-371, jan.-jun. 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DUMOULIN, Olivier. *O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GADDIS, John L. *Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

HARTOG, François. *Crer em história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RÜSEN, Jörn. *História viva – Teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Ed. UnB, 2007.